

## **Brasil 2014: uma resposta ao renegado PT**

Armen Mamigonian\*

Esta reunião que estamos realizando já é a XXXV. Eu quero lembrar que a Sandra Mendonça, que participou da reunião de Fortaleza, a famosa reunião de Fortaleza, propôs aqui, na época em que o professor Paulo Lago era chefe do Centro, a reunião de geografia. Desde então, todos os anos ela tem se realizado. Ela tem se realizado todos os anos vitoriosamente porque são reuniões de debate.

Essas reuniões têm sido de debate, e eu quero relembrar que, quando a geografia nasceu aqui, com o professor Carlos Augusto Figueredo Monteiro e outros professores visitantes da área de história e de filosofia, foi o Professor Carlos Augusto quem teve o mérito de montar e liderar um curso que contava como aluno, nada mais nada menos, com o professor Vitor Peluso. Peluso já era um grande geógrafo brasileiro de alto nível, foi aluno desta faculdade.

Quero também ressaltar que, desde aquela época e até antes, o professor João José Bigarela, que está aqui presente, colaborava com essa geografia, tinha boas relações com Peluso, como diretor do Departamento Estadual de Cartografia e Geografia, e foi o primeiro professor a lecionar de alto nível no curso de pós-graduação que se formou aqui também. Curso este que também foi pioneiro no Sul do Brasil. Existia já em Rio Claro, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Florianópolis. Então, o professor Bigarela foi o primeiro professor a lecionar nesse curso, seguido do professor Carlos Augusto. Esse curso sempre se caracterizou por ser um curso de debate, curioso, sempre interessado em debater e conversar sobre o que acontecia no Brasil e também fora da

---

\* Professor do Departamento de Geografia da UFSC e do Departamento de geografia da USP.

geografia. Esse estímulo ao debate sempre foi um ponto central nessas semanas de geografia. Inclusive, nas primeiras semanas, contamos com a presença do professor Rangel, que esteve aqui nesta mesa debatendo questões ligadas à privatização dos serviços públicos e repassar para o capital privado para gerar novos investimentos. Depois evidentemente, depois que a privatização do Collor começou, ele foi expulso do debate, dos jornais nos quais ele escrevia, Folha de São Paulo, sobretudo. Mas nós tentamos sempre, pelo menos, alguns professores, tentamos que ocorram debates. Como este proposto e apresentado pelo Paulo de Tarso.

Pois bem, eu gostaria de lembrar também, que a geografia, diferentemente de outras ciências, não é uma ciência especializada. Essas ciências especializadas foram surgindo ao longo da história do capitalismo, como a política, que surgiu com Maquiavel, como a primeira ciência especializada. Além de outras, como a economia, a sociologia e a psicologia, por último, digo que já é a ciência da decadência do capitalismo, a ciência da neurose do capitalismo.

A geografia e a história surgem como ciências que cortam transversalmente todas as outras ciências. Então a geografia tem o mérito de ter uma visão de conjunto, assim como a história. Ambas cortam todas as ciências humanas, físicas e biológicas transversalmente. Ora! A geografia tem duas entradas se a gente pensar em teoria do sistema, uma que é a da geografia humana e outra que é a da geografia física, as duas têm que se encontrar normalmente para que as coisas sejam razoavelmente explicadas.

Nós do Brasil tivemos o mérito nessa entrada a partir da natureza, de ter professores pesquisadores, como o Aziz Ab'Saber, o Bigarela e o Carlos Augusto, que chegaram a ideias de geossistema independentemente ao que estava ocorrendo na França, na URSS, etc. Eles tiveram a genialidade de perceber que era necessário ter uma visão global da natureza para podermos entendê-la. Assim como tivemos o mérito de ter na geografia uma pessoa como o Milton Santos, que percebeu que, quando se estuda a geografia humana, se chega à formação social ou à formação

sócio-espacial, como ele se referia. Então nós temos que levar em conta que a geografia alcançou, no Brasil, um nível mundial, internacional que frequentemente a gente não enxerga direito.

Hoje, com o desprestígio das faculdades de filosofia, com o desprestígio das ciências humanas em geral, a gente se esquece de que tivemos este mérito no Brasil de chegar às ideias de formação sócio-espacial e geossistema, por nossa própria conta, por conta da geografia brasileira. Em minha opinião, a geografia está em crise há um bocado de tempo. Faz parte dessa decadência, quem sabe dessa perda de velocidade da geografia, talvez essa aristocracia operária, quem sabe. Nós temos a obrigação de resgatar esse nosso passado e assumir o nosso destino e o destino do Brasil. Por que eu digo isso? Porque, em minha opinião, estamos vivendo a transição do capitalismo para o socialismo. Essa transição acontece meio que aos trancos e barrancos, como foi a transição do feudalismo ao capitalismo, essa transição acontece aos trancos e barrancos. Não acontece como maravilha, como uns e outros podem imaginar. Acontece na base da bagunça, na base dos trancos e barrancos.

\*\*\*

Ora! O Paulo de Tarso se esquece de que na América Latina os líderes populares, que chegaram pela via eleitoral aos governos do Brasil, da Argentina, da Venezuela, etc., correram permanentemente o risco de serem destituídos. Assim como o Getúlio, como Peron foram derrubados. O Chaves na Venezuela correu o risco de ser derrubado e foi derrubado por dois dias, mas por uma ação recolocou-se o Chaves no poder. O mensalão foi uma tentativa do PSDB, do DEM, do setor pró-imperialista, que tem uma força tremenda no Brasil, sobretudo via imprensa, que são os porta-vozes do imperialismo norte-americano e de seus interesses. Acontece que eles tentaram derrubar o Lula. Porém o Lula, como Getúlio Vargas, de quem se dizia que era um boneco que balançava

e não caia. Havia o boneco que balançava e que não caia, assim também foi o Lula.

O mensalão foi uma tentativa de derrubada. Mas o Lula, como já estava prevendo essa derrubada, deu trela para o Vice falar mal dos juros, do câmbio e sentar sarrafo na política do PT, como o Zé Alencar tinha liberdade de falar. Quando chegou a hora do Lula cair, os bancos salvaram o PT, que mandaram o PSDB se acalmar para surgir na reeleição com dinheiro e financiamento dos bancos. Como a Neca Setúbal, do Itaú, que botou no PSDB, no PSB no Aécio e na Marina. Pois bem, que o Lula estava destinado a ser derrubado, e ele, como sabe como é política, se preparou e se defendeu, como grande eleitor como nós sabemos. Então, a derrota do PT, que o Paulo de Tarso está anunciando, parece que com bastante entusiasmo.

Em 1932, depois da revolução vitoriosa de 1930, o setor cafeeiro de São Paulo tentou derrubar o Getúlio numa contra-revolução, que teve o apoio da burguesia industrial de São Paulo. O principal líder da burguesia industrial de São Paulo, Roberto Simonsen, apoiou a contra revolução de 1932 e foi naturalmente para o exílio. Nós vivemos em uma sociedade em que as classes sociais frequentemente não sabem exatamente os seus interesses, pois a burguesia paulista de São Paulo estava completamente equivocada quando apoiou a contra-revolução de 1932.

Assim como nas vésperas da vitória do Collor, diz lá o presidente da FIESP de São Paulo, cerca de trezentos mil eram os empresários que vão se mandar para o exterior se o Lula ganhar a eleição. Obviamente que o Lula era do interesse dessa burguesia industrial, porque, como dizia seu pai, Paulo de Tarso, interessava a essa burguesia industrial. Interessava a toda essa classe dominante do Brasil. Ao mesmo tempo em que podia atender a interesses da classe operária, podia também atender aos interesses da burguesia industrial. O que não se pode atender são os interesses do imperialismo norte-americano, porque nessa transição do socialismo ao capitalismo, a contradição que temos é aquela entre as nações periféricas e o imperialismo norte-americano. Não é a contradição

entre a burguesia industrial brasileira e o operariado brasileiro. Ao contrário, a burguesia industrial brasileira e o proletariado precisam estar unidos para defender os interesses nacionais.

Quando em 1950 o Partido Comunista fazia movimentos pretensamente revolucionários, como a guerrilha do Porucatú, no norte do Paraná. Onde uma pessoa extremamente corajosa, como o João Saldanha estava lá na briga, o Rangel estava no governo do Getúlio, preparando as leis da Petrobrás e Eletrobrás. Então, a grande contradição que existe no mundo é a contradição entre os países periféricos e o imperialismo americano. É isso que temos de enfrentar.

Que existe obviamente uma aristocracia operária no Brasil não há a menor dúvida. Qual é o problema? Obviamente que os sindicalistas também são filhos de Deus. A corrupção só pode ser feita pelas grandes empresas? Operário não pode? O Mescoloto, aqui de Santa Catarina, não andava de sandálias de dedo? Atualmente não está de terno e gravata e é presidente da Eletrosul? Acontece que vivemos num mundo de desafios.

A América Latina foi destruída em grande parte pelo neoliberalismo do FHC, do PSDB. A América Latina toda, do México até o extremo Sul, passou por um processo de destruição, assim como a África. Na privatização que aconteceu na África, os sistemas aduaneiros, que controlam as entradas e saídas de mercadorias, foram privatizados para firmas inglesas que entendem do ramo. Então, o mundo que vivemos não é o da fantasia. É um mundo em que a grande guerra e a pauta da briga estão estabelecidas pelos EUA, já com a URSS, era na base da corrida armamentista.

A URSS desde que nasceu foi cercada e invadida por tropas estrangeiras e só sobreviveu porque teve lideranças, como foi com o Lênin, o Trotsky, o Stalin, para sobreviver. Foram milhões de mortos das guerras civil, na I Guerra Mundial, na II Guerra Mundial, então o socialismo se mostrou viável, real. Mas muita gente pelo mundo afora achava que aquilo não era socialismo, onde já se viu, aquilo é um estatismo. Outros diziam que o certo era o maoísmo. Outros diziam que acabou o socialismo. Outros diziam que eram guevaristas. Outros eram fidelistas. Outros ainda

procuravam seus heróis. Acho que devemos ficar de pé para todas essas lideranças que lutaram pela vitória e sustentação do socialismo no mundo.

A China é socialista, a Coreia do Norte é socialista, Cuba é socialista, como dizia Rangel, são todas experiências nacionais. Cada um teve sua experiência nacional. Nós estamos tendo nossa experiência nacional. A nossa experiência consiste em que temos um partido como o PT, com todos os defeitos, com muitas qualidades, que tem 50% de cara limpo e 50% de picaretas. Mas essa é uma percentagem altíssima de gente boa não? Onde vamos encontrar uma percentagem tão alta como essa em outro partido? No PSDB? Na dona Marina? Então a verdade é que temos que analisar a realidade tal qual ela é.

O Eduardo Campos, no seu carreirismo, acabou se precipitando e se lançando candidato, e acabou sendo um candidato que a direita começou a adorar. O Aécio que é um cara não pouco preparado, que é um cara muito bem preparado, mas que, ao longo da vida, preferiu não ouvir seu avô Tancredo Neves e saiu do MDB para o PSDB. Fez uma grande besteira e por isso mesmo, ele vai ser derrotado. Creio que o Paulo levantou muitas questões interessantes, mas temos a obrigação de termos o pé na terra para analisarmos a realidade. Essa é uma obrigação mais alta que qualquer outra coisa. Isto é, se a pauta da guerra entre socialismo e capitalismo era estabelecida pelos capitalistas e era “corrida armamentista”, hoje a pauta da transição capitalismo socialismo é estabelecida pela China. Não é mais corrida armamentista. Inclusive a China se nega a aceitar essa como a política dominante de confrontação entre socialismo capitalismo. A China trava a batalha de realizar hoje a terceira revolução industrial como liderança do processo, não como na época do Mao. Mao percebeu que a China não poderia ficar isolada.

Esse avanço extraordinário que a China viveu não criou por acaso na América Latina a união dos países Latino-Americanos, que dependem, em grande parte, de exportações para a China. Cuba, Venezuela, Brasil não exportam frequentemente para a

MAMIGONIAN, A. Brasil 2014: uma resposta ao renegado PT.

---

China? Assim como Marx e Engels não disseram que com a realização do socialismo na França, na Inglaterra e na Alemanha o resto do mundo gravitaria. O mundo já estava gravitando em torno da URSS. Hoje o mundo começa a gravitar em torno da China em grande parte.

O socialismo começa hoje pelo planejamento do comércio externo, como Rangel foi extremamente competente ao perceber isso, que, pelo planejamento do comércio externo, os países gravitariam em redor da China. É esse o caminho que estamos vivendo na realidade. Em vez daquela história lá do Fukuyama que disse que era o fim da história com interrogação, mas depois que o muro de Berlim caiu ele escreveu uns dois ou três livros, aí era o fim da história sem interrogação. Ora, no entanto, duzentos anos antes, Immanuel Kant se lembrou da possibilidade de uma paz que aconteceria entre as nações. O Kant que era um filósofo dois milhões de vezes melhor que o Fukuyama, previu que as monarquias desapareceriam, que as repúblicas surgiriam, que as eleições aconteceriam e uma organização mundial, hoje a ONU, que está hoje votando contra os EUA. Isso levaria a uma situação de paz perpétua.

Uma III Guerra Mundial está fora de cogitações, a corrida armamentista está fora de cogitação. E o que está na ordem do dia é essa transição. Nós governos socialistas e populares da América Latina estamos contribuindo para isso. Na hora em que a organização mundial do comércio é dirigida por um brasileiro significa que o Brasil já faz presença mundial nessa transição. Se nós formos imaginar que a corrupção é a fórmula principal, que a inflação é a fórmula principal, nós vamos morrer na praia. A fórmula principal é a luta nacionalista que o Brasil tem condições de enfrentar. É a luta contra o imperialismo norte-americano.

Recebido em Novembro de 2014

Aceito em Dezembro de 2014